

Factos sobre o trabalho de sexo e a violência em Moçambique.



AS TRABALHADORAS DO SEXO EM MOÇAMBIQUE ENFRENTAM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA, ESTIGMA, DISCRIMINAÇÃO E OUTRAS VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS, DEIXANDO-AS CONSIDERAVELMENTE MAIS VULNERÁVEIS AO HIV/AIDS. PARA GARANTIR A SEGURANÇA E O BEM-ESTAR DAS TRABALHADORAS DO SEXO, É NECESSÁRIO REVER AS LEIS E SERVIÇOS DE PROTECÇÃO QUE POSSAM APOIAR AS TRABALHADORAS DO SEXO.

O que diz a lei:

O trabalho de sexo não é criminalizado pela lei moçambicana. No entanto, a lei penaliza o que é visto como agressões à decência pública, por exemplo, ter sexo num espaço público ou vestir-se 'indecentemente'.



Criminalização:

As trabalhadoras do sexo que operam num entorno onde a prostituição é criminalizada enfrentam maior risco de violência e abusos por parte da polícia, e falta de acesso a cuidados de saúde e ao sistema judicial.



70% das trabalhadoras do sexo em Moçambique sofreram violência no ano passado

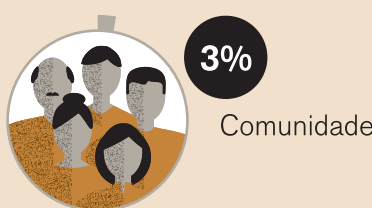
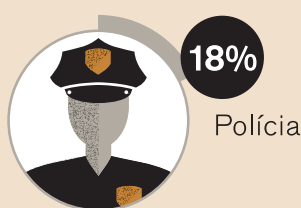
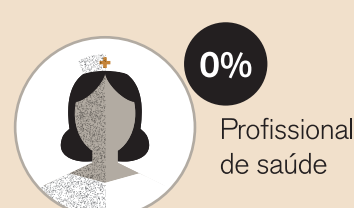
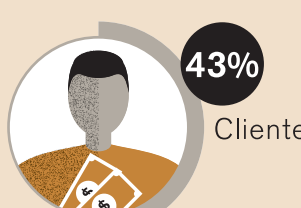
Tipos de violência



Factores de risco



Quem são os autores?



“ Depois de ter sexo, ele me acusou de ter roubado seu dinheiro. Ele me espancou fortemente, me estrangulou e rasgou minha roupa gritando ‘devolva meu dinheiro, devolva meu dinheiro’. Eu não tinha roubado nada, o único que ele podia pegar de mim era o dinheiro que ele me tinha pago antes. ”

No ano passado 18% das trabalhadoras do sexo sofreram violência por parte da polícia depois da detenção

De que tipos de violência se trata?



Factos reais

Para evitar a detenção, 16% das trabalhadoras do sexo fizeram sexo com um policial e 25% pagaram suborno à polícia.



Detenção

No ano passado, 13% das trabalhadoras do sexo foram presas. Em média, foram presas uma vez, e na maioria dos casos, a detenção demorou 24 horas.

Fazer uma denúncia



Motivos da detenção



“ Os oficiais nos jogaram na piscina. Eles disseram: ‘Então você precisa de dinheiro? Olha se há peixe para vender no mercado!’ A água era gelada e nos jogaram com todas nossas roupas, bolsas e tudo. ”

13% das trabalhadoras do sexo HIV positivas não têm acesso regular a tratamento

Prevalência do HIV

66% são HIV negativas



4% não querem revelar seu status

2% nunca foram testadas

Na Saúde



Nos últimos 12 meses,

32%

das trabalhadoras do sexo foram verbalmente abusadas e/ou estigmatizadas por um profissional de saúde.

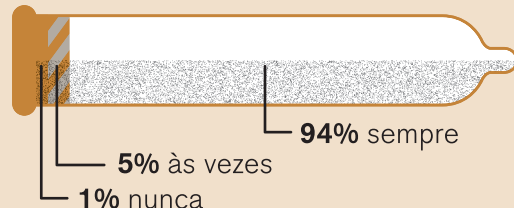
Acesso a medicamentos regulares de HIV

Das pessoas que disseram ser HIV positivas:

87% recebem tratamento regular



Uso do preservativo no trabalho de sexo:



“ Tenho vergonha. A ginecologista me pergunta se faço aquilo ou aquilo, mas eu digo que não. Ela me dá medicamentos com os quais eu não devia ter sexo, mas se não tenho sexo, o que vou comer? Assim continuo a fazê-lo, e não lhe conto nada. ”

Recomendações:

- 1 Apoio articulado e claro pelo governo e ONGs
- 2 Capacitação e sensibilização dos agentes da lei
- 3 Desenvolver um sistema de resposta rápida que funcione bem para ajudar em casos de violência

Hands Off! Redução da violência contra as trabalhadoras do sexo

O programa Hands Off!, coordenado pela Aids Fonds, visa reduzir a violência contra as trabalhadoras do sexo na África Austral pela prevenção, cuidados e apoio. O programa trabalha com grupos liderados por trabalhadoras do sexo, serviços de aplicação da lei, saúde e apoio, centros jurídicos e ONGs de direitos humanos.

Tiyane Vavasate e Pathfinder International

A Tiyane Vavasate é uma organização liderada por trabalhadoras do sexo que defende os direitos das trabalhadoras do sexo em Moçambique. A Pathfinder International é uma ONG internacional que foca na saúde e direitos sexuais e reprodutivos em nível mundial, mobilizando as comunidades mais necessitadas.

Leia o relatório completo ou mais sobre Hands Off! em www.aidsfonds.nl/handsoff

